

Orlando Caliman

É economista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ocaliman.vix@gmail.com

/// Infelizmente, na economia brasileira, o câmbio acabou se transformando no único instrumento de ativação da demanda agregada interna

O efeito câmbio

Em algumas economias, mais do que em outras, e dentre essas incluo o Brasil, o câmbio exerce um papel fundamental, senão decisivo, nas suas dinâmicas internas e externas. Ele funciona como uma espécie de preço básico de referência na formação da quase totalidade dos preços de produtos e serviços. E especificamente no caso da história econômica brasileira funcionou muito como variável de ajuste nas contas correntes externas e de proteção da renda e do emprego internos, principalmente através do mecanismo de proteção das nossas exportações. Foi assim, sobretudo, durante a hegemonia do café no comércio exterior, por aproximadamente 100 anos. Retoma novamente, agora com a crise, o seu posto de relevância.

Da mesma forma que a valorização do Real, que perdurou por praticamente 20 anos, desde o início do Plano Real, permeados por raros e curtos momentos de desvalorização, fez do Brasil um país relativamente caro, assim, agora, com a sua desvalorização, o torna mais barato e atrativo. Isso significa dizer que nossos produtos, serviços e ativos em geral estão mais baratos para quem nos observa lá de fora. Nos tornamos assim relativamente mais competitivos por um simples “passo de

mágica” do câmbio, e paradoxalmente, pela via da crise que se instalou internamente.

Trata-se de uma competitividade que no passado estávamos habituados a chamá-la de competitividade “espúria”, pois pouca ou nenhuma relação tinha ou ainda tem com mudanças estruturais de custos do país. De certa forma, como que reproduzindo o passado, não haveria nada que o câmbio não pudesse resolver. Mesmo que camuflando e mantendo problemas e ineficiências. É o que está fazendo o câmbio no momento: ajudando a equilibrar nossas contas externas e melhorando a situação dos setores exportadores.

Infelizmente o câmbio acabou se transformando no único instrumento de ativação da demanda agregada interna, já que não se pode contar, pelo menos até o momento, com o acionamento de outros de seus componentes tais como investimentos, consumo e muito menos dos gastos públicos. Além disso, ele carrega a vantagem de produzir resultados em período de tempo mais curto.

Graças a ele as contas externas do país vêm demonstrando melhoras sucessivas, seja na balança comercial, principalmente pelo desempenho das exportações do agronegócio; como também nas contas correntes. Assim, com superávit na balança comercial, que deverá chegar a US\$ 30 bilhões em 2016, e redução forte nas contas correntes – baixando de 100 para 40 bilhões de dólares –, teremos menos pressão sobre o dólar. Também traz uma ajudinha para a economia capixaba, muito dependente de exportações.